

Mario Vargas Llosa
ELOGIO DA MADRASTA

Tradução de
Cristina Rodriguez

3.^a edição
revista



1.	O aniversário de dona Lucrecia	13
2.	Candaules, rei da Lídia	21
3.	As orelhas de quarta-feira	33
4.	Olhos como pirilampos	41
5.	Diana depois do banho	53
6.	As abluções do senhor Rigoberto	63
7.	Vénus com amor e música	77
8.	O sal das suas lágrimas	89
9.	Semelhança de humano	97
10.	Tuberoso e sensual	105
11.	Sobremesa	115
12.	Labirinto de amor	127
13.	As más palavras	135
14.	O jovem rosado	147
	Epílogo	155
	Pinacoteca	165

1



O ANIVERSÁRIO DE DONA LUCRÉCIA



No dia em que fez quarenta anos, dona Lucrecia encontrou sobre a almofada uma missiva de traço infantil, caligrafada com muito carinho:

«Feliz aniversário, madraستا!

«Não tenho dinheiro para te oferecer nada mas estudarei muito, vou conseguir o primeiro lugar e essa será a minha prenda. És a melhor e a mais linda e eu sonho todas as noites contigo.

«Feliz aniversário outra vez!

Alfonso»

Já passava da meia-noite e o senhor Rigoberto estava na casa de banho entregue às suas abluções de antes de dormir, que eram complicadas e lentas. (Depois da pintura erótica, a limpeza corporal era o seu passatempo favorito; a espiritual não o inquietava tanto.) Emocionada com a carta do menino, dona Lucrecia sentiu o impulso irresistível de ir vê-lo, de agradecer-lha. Aquelas linhas eram a sua verdadeira aceitação na família. Estaria acordado? Que importava! Se não, beijá-lo-ia na testa com muito cuidado para não o acordar.

Enquanto descia as escadas alcatifadas da mansão às escuras, rumo ao quarto de Alfonso, ia pensando: «Consegui, já gosta de

mim.» E os seus velhos temores sobre o menino começaram a evaporar-se como um leve nevoeiro corroído pelo Sol de verão limenho. Tinha-se esquecido de pôr o roupão por cima, ia despida sob a ligeira camisa de dormir de seda preta e as suas formas brancas, ubérrimas, ainda duras, pareciam flutuar na penumbra entrecortada pelos reflexos da rua. Levava os longos cabelos soltos e ainda não tinha tirado os brincos, anéis e colares da festa.

No quarto do menino – claro, Foncho lia sempre até tardíssimo! – havia luz. Dona Lucrecia bateu com os nós dos dedos e entrou: «Alfonsito!» No cone amarelado irradiado pela lâmpada do candeeiro, de detrás de um livro de Alexandre Dumas, assomou, assustada, uma carinha de Menino Jesus. Os caracóis dourados, revoltos, a boca entreaberta pela surpresa mostrando uma dupla fileira de branquíssimos dentes, os grandes olhos azuis desorbitados procurando resgatá-la da sombra do umbral. Dona Lucrecia permanecia imóvel, observando-o com ternura. Que menino bonito! Um anjo de presépio, um daqueles pajens das gravuras galantes que o marido escondia a quatro chaves.

– És tu, madrastra?

– Que cartinha tão linda que me escreveste, Foncho. É a melhor prenda de anos que jamais me ofereceram, juro-te.

O menino tinha saltado e já estava de pé em cima da cama. Sorria-lhe, com os braços abertos. Enquanto avançava para ele, risonha também, dona Lucrecia surpreendeu – adivinhou? – nos olhos do seu enteado um olhar que passava da alegria para o desconcerto e que fixava, atónito, no seu busto. «Meu Deus, pois se estou quase despida», pensou. «Como é que me esqueci do roupão, tonta. Que espetáculo para o pobre rapazinho.» Bebera mais do que o devido?

Mas Alfonsito já a abraçava: «Parabéns, madrastra!» A sua voz, fresca e despreocupada, rejuvenescia a noite. Dona Lucrecia sentiu contra o seu corpo a espigada silhueta de ossinhos frágeis

e pensou num passarinho. Ocorreu-lhe que se o abraçasse com muito ímpeto o menino partir-se-ia como uma haste. Assim, ele de pé em cima da cama, eram da mesma altura. Enroscara os seus braços finos no pescoço e beijava-a amorosamente na face. Dona Lucrécia abraçou-o também e uma das suas mãos, deslizando sob a camisa do pijama azul-marinho, de listas vermelhas, passou-lhe pelas costas e apalpou-as, sentindo na ponta dos dedos o fino encadeado da sua espinha dorsal. «Gosto muito de ti, madrasta», sussurrou a vozinha junto ao seu ouvido. Dona Lucrécia sentiu dois breves lábios que se detinham no lóbulo inferior da sua orelha, o aqueciam com o hálito, beijavam-no e mordiscavam-no, brincando. Pareceu-lhe que ao mesmo tempo que a acarinhava, Alfonsito se ria. O peito desbordava-lhe de emoção. E pensar que as suas amigas haviam vaticinado que este enteado seria o maior obstáculo, que por causa dele nunca chegaria a ser feliz com Rigoberto. Comovida, beijou-o também, nas faces, na testa, nos cabelos despenteados, enquanto, vagamente, como que vinda de longe, sem que se apercebesse bem de tal, uma sensação diferente ia perpassando-a de um confim ao outro do seu corpo, concentrando-se sobretudo nas partes – os seios, o ventre, o dorso das coxas, o pescoço, as faces – expostas ao contacto do menino. «De verdade que gostas muito de mim?», perguntou, tentando afastar-se. Mas Alfonsito não a soltava. E, em vez disso, enquanto lhe respondia, cantando, «muitíssimo, madrasta, mais do que a ninguém», pendurou-se nela. Depois, as suas mãozitas agarraram-lhe as têmporas e deitaram-lhe a cabeça para trás. Dona Lucrécia sentiu-se debicada na testa, nos olhos, nas sobranceiras, na face, no queixo... Quando os lábios finos roçaram os seus, apertou os dentes, confusa. Compreenderia Fonchito o que estava a fazer? Devia afastá-lo com um esticão? Mas não, não, como ia haver a menor malícia no revoltar saltarinho daqueles lábios travessos que duas, três vezes, errando

pela geografia da sua cara se pousaram um instante sobre os seus, pressionando-os com avidez.

– Bom, e agora dormir – disse, por fim, safando-se do menino. Esforçou-se por parecer mais desenvolta do que estava. – Se não, não te vais levantar para o colégio, pequenino.

O menino meteu-se na cama, concordando. Olhava-a risonho, com as faces rosadas e uma expressão de arroubo. Como é que ia haver malícia nele! Aquela carinha límpida, de olhos regozijantes, o corpo pequeno que se tapava e encolhia debaixo dos lençóis, não era a personificação da inocência? A corrompida és tu, Lucrécia! Tapou-o, ajeitou a almofada, beijou-o nos cabelos e apagou a luz do candeeiro. Quando saía do quarto, ouviu-o trinar:

- Vou tirar o primeiro lugar e ofereço-to, madraستا!
- Prometido, Fonchito?
- Palavra de honra!

Na intimidade cúmplice das escadas, enquanto regressava ao quarto, dona Lucrécia sentiu que ardia dos pés à cabeça. «Mas não é de febre», disse para si aturdida. Era possível que a carícia inconsciente de um menino a pusesse assim? Estás a ficar uma viciosa, mulher. Seria o primeiro sintoma de envelhecimento? Porque a verdade é que estava em chamas e tinha as pernas molhadas. Que vergonha, Lucrécia, que vergonha! E, de repente, passou-lhe pela cabeça a recordação de uma amiga licenciada que, num chá destinado a recolher fundos para a Cruz Vermelha, tinha provocado rubores e risinhos nervosos na sua mesa ao contar-lhe que, a ela, dormir sestas despida com um afilhadito de poucos anos que lhe coçava as costas, a inflamava como uma tocha.

O senhor Rigoberto estava deitado de costas, despido sobre a colcha grená com estampados que pareciam lacraus. No quarto sem luz, apenas iluminado pela luz difusa da rua, a sua longa

silhueta esbranquiçada, velosa no peito e no púbis, permaneceu quieta enquanto dona Lucrecia se descalçava e se deitava a seu lado, sem lhe tocar. Dormia já o seu marido?

– Onde foste? – ouviu-o murmurar, com a voz pastosa e demorada do homem que fala do crepitar da ilusão, uma voz que ela conhecia tão bem. – Porque me abandonaste, minha querida?

– Fui dar um beijo a Fonchito. Escreveu-me uma carta de aniversário que nem imaginas. Por um pouco fazia-me chorar de tão carinhosa.

Adivinhou que ele mal a ouvia. Sentiu a mão direita do senhor Rigoberto roçando-lhe a coxa. Queimava, como uma compressa de água a ferver. Os seus dedos revolveram, torpes, por entre as dobras e redobras da sua camisa de dormir. «Vai aperceber-se de que estou empapada», pensou, incómoda. Foi um mal-estar fugaz, porque a mesma onda veemente que a sobressaltara nas escadas voltou-lhe ao corpo, eriçando-o. Pareceu-lhe que se abriam todos os poros, ansiosos, e aguardavam.

– Fonchito viu-te em camisa de dormir? – fantasiou, ardente, a voz do marido. – Se calhar, puseste ideias no rapazinho. Esta noite talvez vá ter o seu primeiro sonho erótico.

Ouviu-o rir-se, excitado, e ela riu-se também: «O que estás a dizer, tonto.» Ao mesmo tempo, simulou bater-lhe, deixando cair a mão esquerda sobre o ventre do senhor Rigoberto. Mas no que tocou foi numa haste humana empinando-se e latindo.

– Que é isto? Que é isto? – exclamou dona Lucrecia, aprisionando-a, esticando-a, soltando-a, recuperando-a. – Olha o que encontrei, mas que surpresa.

O senhor Rigoberto já a tinha encarrapitado em cima dele e beijava-a com leite, sorvendo-lhe os lábios, separando-lhos. Por um longo bocado, com os olhos fechados, enquanto sentia a ponta da língua do marido explorando a cavidade da sua boca, passeando pelas gengivas e céu da boca, afanando-se em saborear

e conhecer tudo, dona Lucrécia ficou sumida num entontecimento feliz, sensação densa e palpitante que parecia amolecer-lhe os membros e abolir-lhos, fazendo-a flutuar, afundar-se, girar. No fundo do torvelinho prazenteiro que eram ela, a vida, como que assomando e desaparecendo num espelho que perde o seu azougue, delineava-se aos poucos uma carita intrusa, de anjo rubicundo. O marido tinha-lhe levantado a camisa e acariciava-lhe as nádegas, num movimento circular e metódico, enquanto lhe beijava os seios. Ouvia-o murmurar que a amava, sussurrar ternamente que com ela havia começado para ele a verdadeira vida. Dona Lucrécia beijou-o no pescoço e mordiscou-lhe os mamilos até ouvi-lo gemer; depois, lambeu devagarinho aqueles ninhos que tanto o exaltavam e que o senhor Rigoberto tinha lavado e perfumado cuidadosamente para ela antes de se deitar: as axilas. Ouviu-o ronronar como um gato mimado, retorcendo-se sob o seu corpo. Apressadas, as suas mãos separavam as pernas de dona Lucrécia, com uma espécie de desespero. Acocoraram-na em cima dele, acomodaram-na, abriram-na. Ela gemeu, dolorida e gozosa, enquanto, num remoinho confuso, divisava uma imagem de S. Sebastião frechado, crucificado e empalado. Tinha a sensação de ser corneada no centro do coração. Não se conteve mais. Com os olhos semicerrados, as mãos atrás da cabeça, espetando os seios, cavalejou sobre aquele potro de amor que se agitava com ela, ao seu compasso, ruminando palavras que mal podia articular, até sentir que desfalecia.

– Quem sou? – averiguou, cega. – Quem dizes que fui?

– A esposa do rei da Lídia, meu amor – estalou o senhor Rigoberto, perdido no seu sonho.

2



CANDAULES, REI DA LÍDIA



[1]



Sou Candaules, rei da Lídia, pequeno país situado entre a Jónia e a Cária, no coração do território a que séculos mais tarde chamarão Turquia. O que mais me orgulha no meu reino não são as suas montanhas gretadas pela secura nem os seus pastores de cabras que, quando faz falta, enfrentam os invasores frígios e eólios e os dórios vindos da Ásia, derrotando-os, e os bandos de fenícios, lacedemónios e os nómadas citas que chegam a pilhar as nossas fronteiras, mas sim a garupa de Lucrecia, minha mulher.

Digo e repito: garupa. Não traseiro, nem cu, nem nádegas, nem assento, mas sim garupa. Porque quando eu a cavalgo a sensação que me embarga é essa: a de estar sobre uma égua musculosa e aveludada, puro nervo e docilidade. É uma garupa dura e talvez tão enorme como dizem as lendas que sobre ela correm pelo reino, inflamando a fantasia dos meus súbditos. (Aos meus ouvidos chegam todas mas não me aborrecem, deleitam-me.) Quando lhe ordeno que se ajoelhe e beije o tapete com a fronte, de modo que possa examiná-la à minha vontade, o precioso objeto alcança o seu mais feiticeiro volume. Cada hemisfério é um paraíso carnal; ambos separados por uma fenda delicada de velo quase impercetível que se afunda no bosque de brancuras, negruras e sedosidades embriagantes que encima as firmes

colunas das coxas, me fazem pensar num altar dessa religião bárbara dos babilônios que a nossa apagou. É dura ao tato e doce aos lábios; vasta ao abraço e cálida nas noites frias, uma almofada terna para repousar a cabeça e um manancial de prazeres na hora do assalto amoroso. Penetrá-la não é fácil; antes doloroso, a princípio, e até heroico pela resistência que essas carnes rosadas opõem ao ataque viril. Fazem falta uma vontade tenaz e uma verga profunda e perseverante, que não se arredam perante nada nem ninguém, como as minhas.

Quando disse a Giges, filho de Dásilo, meu guarda e ministro, que eu estava mais orgulhoso das proezas cumpridas pela minha verga com Lucrecia, no sumptuoso baixel cheio de velames do nosso tálamo, do que das minhas façanhas no campo de batalha ou da equidade com que distribuo justiça, ele recebeu com gargalhadas o que julgava uma brincadeira. Mas não o era: estou. Duvido que muitos habitantes da Lídia possam emular-me. Uma noite – estava ébrio – só para averiguar chamei Atlas aos aposentos, o mais bem armado dos escravos etíopes. Fiz com que Lucrecia se inclinasse à sua frente e ordenei-lhe que a montasse. Não o conseguiu, por estar intimidado na minha presença ou porque era um desafio excessivo para as suas forças. Várias vezes vi-o adiantar-se, resolvido, empurrar, arquejar e retirar-se, vencido. (Como o episódio mortificava a memória de Lucrecia, depois mandei decapitar Atlas.)

Porque o certo é que amo a rainha. Tudo na minha esposa é doce, delicado, em contraste com o esplendor exuberante da sua garupa: as suas mãos, os seus pés, a sua cintura e a sua boca. Tem um nariz respingando e uns olhos lânguidos, de águas misteriosamente quietas que só o prazer e a cólera agitam. Estudei-a como fazem os eruditos com os velhos infólios do Templo, e embora pense sabê-la de memória, cada dia – ou melhor, cada noite – descubro nela algo de novo que me entenece: a suave

linha dos ombros, o travesso ossinho do cotovelo, a finura do púbis, a rotundidade dos seus joelhos e a transparência azul do bosquezinho das suas axilas.

Há quem se aborreça rapidamente da mulher legítima. A rotina do casamento mata o desejo, filosofam, que ilusão pode durar e embravecer as veias de um homem que se deita, ao longo de meses e anos, com a mesma mulher. Mas a mim, apesar do tempo de casados que temos, Lucrécia, minha senhora, não me enfastia. Nunca me aborreceu. Quando vou à caça do tigre e do elefante, ou à guerra, a sua recordação acelera o meu coração da mesma forma que nos primeiros dias e quando acaricio alguma escrava ou mulher qualquer para distrair a solidão das noites na tenda de campanha, as minhas mãos sentem sempre uma dilacerante decepção: esses são apenas traseiros, nádegas, assentos, cus. Só a dela – ai, amada – garupa. Por isso lhe sou fiel de coração; por isso a amo. Por isso lhe componho poemas que lhe recito ao ouvido e a sós deito-me de bruços no chão a beijar-lhe os pés. Por isso cobri os seus cofres de joias e pedrarias e mandei vir para ela de todos os lugares do Mundo calçados, vestidos e adornos que nunca acabará de estrear. Por isso a cuido e venero como a possessão mais rara do meu reino. Sem Lucrécia, a vida para mim seria morte.

A história real do que aconteceu com Giges, meu guarda e ministro, não se parece muito com os falatórios sobre o episódio. Nenhuma das versões que ouvi roça sequer a verdade. É sempre assim: embora a fantasia e o certo tenham um mesmo coração, como o fogo e a água. Não houve aposta nem truque de qualquer espécie; aconteceu tudo de improviso, por um súbito arranque meu, obra da casualidade ou intriga de algum pequeno deus brincalhão.

Tínhamos assistido a uma interminável cerimónia no descampado vizinho ao Palácio, onde as tribos vassalas vindas a

apresentarem-me os seus tributos ensurdeceram os nossos ouvidos com os seus cantos selvagens e cegaram-nos com a poeira que levantavam as acrobacias dos seus ginetes. Vimos também dois desses feiticeiros que curam os males com cinza de cadáveres e um santo que orava girando sobre os calcanhares. Este último foi impressionante: impulsionado pela força da sua fé e pelos exercícios respiratórios que acompanhavam a sua dança – um arquejo rouco e crescente que parecia sair das suas entranhas – converteu-se num remoinho humano e, num dado momento, a sua velocidade fê-lo desaparecer da nossa vista. Quando de novo se corporizou e se deteve, suave como os cavalos depois de uma carga e tinha a palidez aparvalhada e os olhos aturdidos dos que viram um deus ou vários.

Dos feiticeiros e do santo estávamos a falar o meu ministro e eu, enquanto saboreávamos uma taça de vinho grego, quando o bom Giges, com a fâisca maliciosa que a bebida deposita no seu olhar, baixou de repente a voz para me sussurrar:

– A egípcia que comprei tem o traseiro mais bonito que a Providência jamais concedeu a uma mulher. A cara é imperfeita; os peitos miúdos e sua em excesso; mas a abundância e generosidade do seu posterior compensa, em vantagem, todos os seus defeitos. Algo que tão-só a recordação me provoca vertigens, Majestade.

– Mostra-mo e mostrar-te-ei outro. Compararemos e decidiremos qual é o melhor, Giges.

Vi-o desconcertar-se, pestanejar e entreabrir os lábios para não dizer nada. Julgou que eu brincava? Temeu ter ouvido mal? O meu guarda e ministro sabia muito bem de quem falávamos. Formulei aquela proposta sem pensar, mas, uma vez feita, um vermezinho doce começou a roer-me o cérebro e a causar-me ansiedade.

– Ficaste mudo, Giges. Que tens?

- Não sei dizer, senhor. Estou confuso.
- Estou a ver. Enfim, responde. Aceitas a minha oferta?
- Sua Majestade sabe que os seus desejos são os meus.

Assim começou tudo. Fomos primeiro à residência dele e, ao fundo do jardim, onde estão as termas de vapor, enquanto suávamos e a sua massagista nos rejuvenescia os membros, examinei a egípcia. Uma mulher muito alta com o rosto marcado pelas cicatrizes com que as gentes da raça dela consagram as raparigas púberes ao seu deus sanguinolento. Já deixara para trás a juventude. Mas era interessante e atrativa, admito-o. A sua pele de ébano brilhava entre as nuvens de vapor como se tivesse sido envernizada e todos os seus movimentos e atitudes revelavam uma extraordinária soberba. Não havia nela assomos desse abjeto servilismo tão frequente nos escravos para ganharem o favor dos seus donos, mas antes uma elegante frialdade. Não entendia a nossa língua mas decifrava num instante as instruções que o seu amo lhe dava mediante gestos. Quando Giges lhe indicou o que queríamos ver, ela, envolvendo-nos a ambos, uns segundos, no seu olhar sedoso e depreciativo, deu meia volta, inclinou-se, e com as duas mãos levantou a túnica, oferecendo-nos o seu mundo traseiro. Era notável, com efeito, e milagroso para quem não fosse o marido de Lucrecia, a rainha. Duro e esférico, sim, de curvas suaves e com uma pele lisa e granulada de reflexos azuis, por onde resvalava o olhar como sobre o mar. Felicitei-a e felicitei também o meu guarda e ministro por ser proprietário de tão doce delícia.

Para cumprir a parte que me correspondia da oferta, tínhamos de atuar com o maior sigilo. Aquele episódio com Atlas, o escravo, foi profundamente chocante para a minha mulher, já o disse; prestou-se a tal porque Lucrecia compraz todos os meus caprichos. Mas vi-a envergonhar-se de tal forma enquanto Atlas e ela representavam infrutiferamente a fantasia que tramei, que

jurei a mim próprio não voltar a submetê-la a prova semelhante. Ainda agora, passado tanto tempo desde aquela ocorrência, quando do pobre Atlas não devem restar senão os ossos polidos no barranco hediondo cheio de abutres e falcões onde foram lançados os seus restos, a rainha acorda por vezes de noite, sobressaltada de angústia nos meus braços, pois em sonhos a sombra do etíope voltou a reacender-se em cima dela.

De modo que desta vez fiz as coisas sem que a minha amada o soubesse. Pelo menos foi essa a minha intenção, ainda que, recapitulando, remexendo nos resquícios da minha memória o que aconteceu naquela noite, por vezes duvide.

Fiz com que Giges entrasse pela portinha do jardim e introduzi-o nos aposentos enquanto as donzelas despiam Lucrecia e a perfumavam e oleavam com as essências que gosto de cheirar e saborear sobre o seu corpo. Indiquei ao meu ministro que se ocultasse atrás dos cortinados da varanda e que procurasse não se mover nem fazer o menor ruído. Daquela esquina tinha uma visão perfeita do lindíssimo leito de colunas lavradas, com escalinatas e cortinas de cetim vermelho, cheio de almofadinhas, sedas e preciosos bordados, onde a rainha e eu cumprimos em cada noite os nossos encontros amorosos. E apaguei todas as tochas de modo que o quarto ficou apenas iluminado pela língua crepitante da lareira.

Lucrecia entrou pouco depois, flutuando numa vaporosa túnica semitransparente, de seda branca, com filigrana bordada nos punhos, no pescoço e nas orlas. Tinha um colar de pérolas, uma coifa, e envolviam os seus pés umas chinelas de madeira e feltro, de salto alto.

Tive-a assim um bocado, saboreando-a com os olhos e oferecendo ao meu bom ministro esse espetáculo para deuses. E enquanto a contemplava e pensava que Giges o fazia também, essa maliciosa cumplicidade que nos unia subitamente

inflamou-me de desejo. Sem dizer uma palavra avancei sobre ela, fi-la rodar sobre o leito e montei-a. Enquanto a acariciava, a cara barbuda de Giges aparecia-me e a ideia de que nos estava a ver punha-me mais febril, polvilhando o meu prazer com um condimento agri-doce e picante até então ignorado por mim. E ela? Adivinhava algo? Sabia de algo? Porque creio que nunca a senti tão briosa como dessa vez, nunca tão ávida na iniciativa e na réplica, tão temerária no mordisco, no beijo, no abraço. Acaso pressentia que, naquela noite, quem gozava naquele quarto avermelhado pela candeia e pelo desejo não eram dois mas sim três?

Quando, ao amanhecer, Lucrecia já adormecida, deslizei em bicos de pés para fora da cama, para guiar o meu guarda e ministro até à saída do jardim, encontrei-o tremendo de frio e de pasmo.

– Vossa Majestade tinha razão – balbuciou, extasiado e trémulo. – Vi-o e é tão extraordinário que não posso acreditar. Vi-o e ainda me parece que só sonhei.

– Esquece-te de tudo quanto antes e para sempre, Giges – ordenei-lhe. – Concedi-te este privilégio num arrebatamento estranho, sem ter meditado, pelo apreço que te tenho. Mas, cuidado com a tua língua. Não gostaria que esta história se tornasse falatório de taberna e piada de mercado. Poderia arrepender-me de haver-te trazido aqui.

Jurou-me que nunca diria uma palavra.

Mas fê-lo. Como, se assim não fosse, correriam tantas vozes sobre o acontecimento? As versões contradizem-se, cada uma mais disparatada e mais falsa. Chegam até nós e, embora a princípio nos irritassem, agora divertem-nos. É algo que passou a fazer parte deste pequeno reino meridional daquele país a que séculos mais tarde chamarão Turquia. Da mesma forma que as suas montanhas ressequidas e os seus súbditos rústicos, da

mesma forma que as suas tribos itinerantes, os seus falcões e os seus ossos. Depois de tudo, não me desagrade a ideia de que, uma vez decorrido o tempo, engolindo tudo o que agora existe e me rodeia, para as gerações do futuro só perdure, sobre as águas do naufrágio da história da Lídia, redonda e solar, generosa como a primavera, a garupa de Lucrecia a rainha, minha mulher.